

# OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 566	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	18900	5950	5120	15 DE SETEMBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



CONDE DE VALENÇAS

(Cópia de uma photographia de Mr. Piron)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Está de lucto a familia real portugueza.

No sabbado 8 do corrente, pelas 7 horas e 40 minutos da manhã, exhalou o seu ultimo suspiro em Stowe House, rodeado de toda a sua familia, o illustre chefe da casa de França, o Rei dos realistas francezes, o neto de Luiz Philippe, o sr. conde de Paris, extremoso e estremecido pae de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia.

Esta noticia dolorosa, que era de ha muito esperada por toda a gente, foi, por isso mesmo, recebida, por toda a parte quasi que com a satisfação com se acolhe uma boa noticia.

E comprehende-se perfeitamente isso.

A explicação d'essa especie de alivio com que a noticia da morte do conde de Paris foi recebida, está nas proprias palavras que o augusto enfermo, poucas horas antes de morrer, disse a seu irmão, o sr. duque de Chartres, com voz muito debil já, mas ainda bastante nitida e clara:

— *Comme la mort est lente à venir!*

Ha que dias, que semanas que a morte era esperada por todos, até pelo proprio paciente, como epilogo fatal, inevitavel d'aquella terrivel doença, contra a qual a sciencia se tinha declarado impotente, e ha que dias, ha que semanas que essa morte adiaava a sua chegada!

E esse addiamento, que em qualquer outro caso podia representar uma esperança, alimentar ao menos uma illusão, não era, no caso desgraçado do conde de Paris, senão o prolongamento inutil e cruel d'um martyrio doloroso, d'uma dolorosa agonia!

Costuma-se dizer que em quanto ha vida ha esperança.

Ali havia vida, mas não havia esperança para ninguem, nem mesmo para o doente, cujo, espirito cada vez mais lucido não tinha a mais pequena illusão acerca do seu estado, e que soffrendo as torturas d'esse addiamento, com a resignação d'um santo e a serenidade d'um justo, esperava o ultimo momento, o fim do seu martyrio, como a unica esmola da providencia!

E era assim!

No estado em que estava o conde de Paris, a morte era o unico beneficio, que se lhe podia ambicionar!

E foi por isso que a noticia do fallecimento do conde de Paris foi recebida por toda a parte quasi que com a satisfação que se recebe uma boa nova.

Era a melhor que d'ali podia vir, já que não era dado esperar a noticia d'uma esperança de salvação: era a noticia de ter acabado essa longa dolorosa e inutil agonia, que era o martyrio d'aquelles que assistiam a ella, que foi o assombro de todos que a seguiam de longe!

Dissemos inutil agonia, e não dissemos bem.

Não ha nada inutil n'este mundo, e a agonia do conde de Paris teve a utilidade de mostrar bem, n'esse momento supremo e terrivel, ao mundo inteiro, a serenidade, a coragem, a bondade d'aquella grande alma, a grandeza d'aquella lucido espirito.

Por isso todos, amigos e adversarios, se descobriram respeitosa e deante do leito mortuario do principe exilado, a quem a bella e corajosa serenidade na morte, contribuiu mais que toda a sua agitada vida, para lhe dar vulto na historia, como d'elle disse um dos mais brilhantes escriptores modernos da França.

A cada passo que dava para o tumulo, a figura do conde de Paris tomava proporções colossaes, e quanto mais se aproximava da morte mais aquelle vulto se agigantava!

Dir-se ia que a vida á medida que ia fugindo do corpo se lhe ia concentrando no cerebro.

As suas palavras dos derradeiros dias tinham alguma coisa de extranho, d'illumado, de sobrenatural, como que aureoladas já pela grande eterna luz em que o seu espirito ia immergir!

O conde de Paris morreu rodeado de toda a sua familia, á excepção d'um seu sobrinho, o duque d'Orleans Henrique, em viagem d'estudo em Madagascar e que avisado por telegrapha da ago-

nia de seu tio, que particularmente lhe queria, e que muitas vezes nos seus ultimos dias fallava n'elle, deve vir já caminho da Europa. Morreu como um justo e como um honrado e extremoso chefe de familia que era, na mais alta e grandiosa aceção da palavra!

E sob este ponto de vista morreu feliz, apesar de morrer no exilio; morreu feliz como feliz viveu como chefe de familia, esse honrado e grande homem que para ser completamente feliz, no mundo, como diz Henri Lavedan, só lhe faltava o não ter nascido nos degraus d'um throno!

E para todos que o cercavam nos seus ultimos momentos, — ultimos momentos que duraram semanas! — o conde de Paris tinha uma palavra d'affecto, de ternura, d'agradecimento, de conselho e morreu legando aos seus filhos uma maxima profunda e santa, colhida na sua larga pratica dos dissabores do mundo e das alegrias do lar: «Sejam sempre amigos e unidos porque as familias unidas é que são as familias felizes!»

Como aqui dissemos na nossa ultima chronica, Sua Magestade a Rainha a sr.<sup>a</sup> D. Amelia partiu nos ultimos dias do mez passado para Stowe-House, para ir ver seu pae, e ali lhe assistiu como filha estremosissima que é, aos seus ultimos momentos.

A rainha, que de Lisboa tinha partido profundamente e visivelmente commovida, — porque no seu coração de filha tinha já o deloroso presentimento do lugubre drama a que ia assistir! — tencionava partir de Stowe-House para Lisboa no dia 3 do corrente.

Como o estado de seu pae se ia aggravando extraordinariamente de dia para dia, fazendo prevér inevitavel o seu proximo fim, Sua Magestade, adiou a sua partida.

Apesar de estar já quasi agonisante o conde de Paris não lhe passou despercebido esse addiamento, e comprehendeu perfeitamente com a lucidez do seu espirito e a consciencia nitida do seu estado, o que o motivára, e no dia 3 de setembro, quando a Rainha de Portugal o foi beijar pela manhã, o illustre enfermo perguntou lhe:

— Em que dia do mez estamos nós hoje, minha filha?

— Hoje são 3 de setembro respondeu-lhe Sua Magestade.

— Tres? Então é hoje que volta para Portugal?

— Fazia tenção mas não vou ainda, disse a Rainha.

E depois tratou logo de explicar o motivo do addiamento da sua partida.

— Como estão cá todos os meus tios e primos, e não os via ha muito tempo, não quero ir me embora agora no momento em que elles chegam.

— Vamos, minha filha, tornou logo sorrindo o conde de Paris, para que estás com rodeios? Dize a verdade! Queres-te demorar para me acompanhares até ao meu proximo fim. Fazes bem eu agradeço-t'o muito!

O conde de Paris era novo ainda. Tinha apenas 56 annos pois nascera em 24 d'agosto de 1838. Era filho do principe Fernando d'Orleans e da princeza de Mecklemburgo. Casou em Kingstow em 30 de maio de 1864, com a princeza D. Izabel, filha dos duques de Montpensier. D'esse casamento teve seis filhos: — a princeza Amelia Luiza Helena, nascida em 28 de setembro de 1865, hoje Rainha de Portugal — o principe Luiz Philippe, duque d'Orleans nascido em 1869 — a princeza Helena, nascida em 1871, a princeza Maria Izabel, nascida em 1878, a princeza Luiza, nascida em 1882 e o principe Fernando, nascido em 1884.

O conde de Paris foi educado por um illustre sabio francez, Adolpho Regnier, educação que completou com umas viagens pela Europa, America e Oriente. Era um homem de muita e solida instrucção e como escriptor o conde de Paris deixou muitas obras que attestam o seu notavel talento.

Em 1883, pela morte do conde de Chambord, o conde de Paris ficou sendo o chefe do partido realista francez, pesado cargo que por sua morte cabe a seu filho o sr. duque d'Orleans, com quem nos ultimos dias da sua vida e mesmo já quasi agonisante, teve repetidas conferencias, preparando-lhe o espirito para bem desempenhar a alta missão que lhe ia ser confiada, dando-lhe as suas instrucções, indicando-lhe o caminho a seguir.

A sua ultima conferencia durou meia hora e fin-

da ella, o conde de Paris já quasi entrado em agonia, abraçou seu filho, e abençoou-o dizendo-lhe: — Adieu! Va, et marche toujours droit!

Não pensamos de modo algum em fazer aqui a biographia do sr. conde de Paris, biographia tão complexa e que tanto tem que fazer, queremos apenas registrar como é nosso dever a morte d'esse illustre principe, já por ser o chefe da casa real de França, já por ser pae estremecido da augusta soberana de Portugal que ainda ha 8 annos era uma estrangeira para nós, e que hoje é a primeira das portuguezas, e por todos os portuguezes adorada.

E por isso nós todos portuguezes nos associamos compungidos á profunda dor que n'este momento punge a augusta filha do sr. conde de Paris e nos associamos ao lucto que cobre a familia real portugueza.



MARINO MANCINELLI

No domingo, 4 do corrente, o telegrapho trouxe nos do Brazil uma noticia que nos surpreendeu dolorosamente a todos — a noticia do suicidio d'um artista muito illustre, muito conhecido, muito applaudido e muito estimado em Portugal — o maestro Marino Mancinelli.

O maestro Mancinelli era um dos maestros mais distinctos que havia actualmente no mundo lyrico e o que mais sympathias e mais admiradores contava em Portugal.

Quem o trouxe pela primeira vez a Lisboa foi o fallecido empresario de S. Carlos o sr. Campos Valdez, e o seu successo foi logo enorme na primeira opera que ensaiou e regeu em S. Carlos.

Depois de Dalmão e Kuon não tinha vindo ao nosso theatro maestro como Mancinelli, e d'ahi o elle ser reconduzido todas as epochas e de cada vez com mais successo.

A ultima vez que cá esteve foi em 1891, quando falliu a empresa dos herdeiros de Campos Valdez e d'ahi para cá, a sua recordação gloriosa tem feito com que nenhum dos maestros regentes que tem vindo para S. Carlos tenham conseguido agradar.

Fallava-se muito d'elle agora, para a proxima epocha de S. Carlos e até se dizia que o sr. Freitas Brito partira para o Rio de Janeiro com tenção d'ahi o escripturar.

Dizia-se tambem, por outro lado, que Mancinelli, que estava agora no Brazil empresario juntamente com a prima donna Gabbi, viria a Lisboa no inverno, com a sua companhia, dar uma serie de representações no theatro D. Amelia.

A noticia da inesperada morte de Mancinelli veio desmanchar todos esses boatos.

Faltam ainda promenores acerca do suicidio do illustre maestro, sendo porém geralmente attribuido esse suicidio a desastres financeiros.

Effectivamente sabia-se ha tempo em Lisboa, por noticias vindas do Rio, que a empresa Mancinelli e Gabbi estava lutando com grandes difficuldades financeiras e d'ahi o attribuir-se a essas difficuldades a causa do seu suicidio.

Marino Mancinelli era um homem novo ainda, e não se limitava a ser um maestro excellente, era um musico notabilissimo em toda a accepção da palavra e um compositor distincto.

Uma opera d'elle, a *Estatua*, se a memoria nos não attraçoa, esteve por varias vezes para ser representada em Lisboa. Mancinelli escreveu entre nós musica para uma *farça* portugueza, que em 1891 se representou uma unica noite no theatro da Rua dos Condes em beneficio da Creche de Santa Eulalia, o *Zé Palonso*, farça n'um acto, escripta por D. João da Camara, Lopes de Mendonça e a pessoa que escreve estas linhas, e representada deliciosamente pela grande cantora Helena Theodorini, que pela primeira e unica vez representou e cantou em portuguez, fazendo um papel de lavradeira, Jesuina, a pobre Amelia da Silveira, Taborda, Valle, o desgraçado Dias, João Rosa e Augusto de Mello. N'essa farça a Theodorini cantava uma esplendida ballada, *Por bem*, letra de Lopes de Mendonça, cuja musica fora escripta expressamente por Mancinelli, que chegou a ensaiar-a no piano, mas que não assistiu á apresentação da peça, por n'esse mesmo dia, pela manhã, ter que partir para Italia. Era um bello trecho de musica, que a Theodorini cantava primorosamente e que agradou immenso.

Mancinelli metteu em scena e regeu em S. Carlos com particular disvello algumas operas portuguezas: os *Dorians*, de Augusto Machado, a *Dona Branca*, de Alfredo Keil e o *Fr. Luiz de Sousa* de Freitas Gazul.

Paz á memoria do illustre e glorioso artista.

Gervasio Lobato.

## CONDE DE VALENÇAS

(NO DIA DOS SEUS ANOS)

Nada mais grato para nós do que saudar n'este dia ao nosso illustre amigo e redactor do OCCIDENTE, o sr. conde de Valenças, levando á sua festa de familia o sincero preito da nossa amizade e gratidão, expressas n'estas paginas, que elle tantas vezes tem honrado e abrilhantado com os seus escriptos, e que hoje se honram tambem com o retrato que o sr. conde tirou, na sua recente viagem a Paris e á Suissa, e com o qual a sua muita amizade nos quiz brindar, dando-nos uma prova de que a nossa gravura é copia.

Que o nosso querido amigo nos releve da indiscripção que commettemos; mas não encontramos outro meio, de publicamente manifestar o nosso reconhecimento, a quem tanto se tem interessado por este periodico, dispensando-lhe as maiores finezas, de que são prova os excellentes artigos, aqui publicados, devidos á sua penna, e que bem mostram a vasta erudição, elevado criterio, e provado talento do seu auctor.

Acode-nos lembrar o seu notavel trabalho, a pag. 197 do vol. XI do OCCIDENTE, acerca da *Organização do ensino industrial*; notavel porque, além da elegancia e primor da escripta, se recomenda pela licção proficiente, provas e documentos que o acompanham, colligidos pelo illustre escriptor, bem informado certamente, no exame dos factos e experiencia das nossas coisas, de quanto aquelle ensino deveria ser essencialmente pratico, sem descuidar a theorica. As escolas de Victorino Damazio, lá o diz o sr. conde de Valenças, são um exemplo frisante que devia ser aproveitado e seguido; e para o demonstrar apresenta a extensa lista dos artifices que vieram d'aquellas escolas, todos de experimentada competencia.

É, em verdade, um estudo completo n'esta materia como não conhecemos outro em Portugal.

Não esqueceremos tambem a honra que dispensou ao OCCIDENTE, permitindo que publicasse, antes de impressa em tomo e no relatório das actas e discussões do Congresso Juridico de Madrid, a importante memoria sobre *Arbitragem Internacional*, que apresentou áquelle congresso, e ali defendeu de modo brilhante, em 1892, representando o nosso paiz dignamente, e affirmando

no meio d'aquella assembléa de sabios de todos os paizes, os superiores dotes oratorios, que já conheciamos da sua vida academica e parlamentar, pelo livro *Discursos politicos e litterarios*, que publicou em 1890.

Esta notavel memoria, para a feitura da qual teve de compulsar os antigos codices e os mais modernos livros de legislação e do direito publico dos povos, escreveu-a o sr. conde de Valenças em dois aiezes, que tanto foi o tempo concedido pelo programma do congresso. Foi este valioso trabalho que, por mercê especial do seu auctor ao nosso periodico, os leitores do OCCIDENTE poderam ler antes que apparecesse em livro.

Além d'estes escriptos de largo folego, outros estudos litterarios e de critica tem publicado o OCCIDENTE, devidos á penna d'este nosso illustre confrade, e que se recomendam tanto pela original elegancia do seu estylo colorido, vivo e sentimental, como pelas informações e licção que n'elles se aprende.

Lembraremos o conceituoso artigo sobre o fallecido monarcha Senhor *D. Luiz I*; o de *D. Henrique o Navegador*, publicado ainda ha pouco em o n.º 548 do OCCIDENTE commemorativo do centenário Henriquino; o estudo biographico-critico acerca do nosso festejado poeta e academico Bullhão Pato; aquelle a respeito do eminente contista hespanhol *D. Antonio de Trueba*; um outro sobre o grande lyrico *D. José Zorrilla*, ha pouco fallecido; um tambem contando do celebre poeta inglez *Byron*, e tantos outros de mais ligeiro estylo, mas sempre rendilhado e primoroso, taes como o da *Puerta del Sol de Madrid*, e o de *Romaniho*, delicada e graciosa monographia de um typo muito portuguez e que só vive agora, na lembrança de quem ainda o conheceu.

Todos estes escriptos publicados no OCCIDENTE são para nós outros tantos motivos para agradecimentos ao illustre amigo e redactor d'esta folha, compondo de suas proprias flôres a offerta que hoje lhe fazemos, como tributo da nossa admiração pelo seu talento, e preito da nossa sincera amizade, que mais não temos que lhe ofertar.

Outros fallarão da sua gloriosa carreira academica, desde os bancos da Universidade, onde aos 25 annos alcançava, em concurso publico, a cadeira de professor de direito, até á Academia Real das Sciencias de Lisboa, para onde entrou em 1886, levando farta bagagem litteraria nas seguintes obras que apresentou: *Estudos sobre organização judicial*; *A liberdade testamentaria*; *As magistraturas populares*; *Uma pagina da historia economica de Portugal*; *A instrução primaria no municipio de Lisboa*; *O tumulo de Gambetta em Nice*, etc.; outros dirão das comissões, em serviço publico, que tem desempenhado: — a de secretario servindo de governador civil, na provincia do Algarve, em 1871, e a de vereador e vice-presidente da camara municipal de Lisboa onde, em 1877, organizou os serviços da instrução primaria, apresentando larga e bem fundamentada reforma que desde logo requeria para as escolas os exercicios militares com instructores do exercito, dirigindo assim a educação das gerações novas para a melhor defeza futura do paiz; disposição esta que vemos igualmente na proposta de lei apresentada pelo sr. conde de Valenças, no parlamento, em 1882; outros o seguirão na camara dos deputados e na dos pares, onde, par electivo, pronunciou, em 1889, aquelle notavel discurso sobre agricultura que durou duas sessões consecutivas, sempre com agrado e applauso da camara; outros fallarão ainda do seu coração magnanimo, de sua philantropia, manifestada em tantos rasgos de caridade, uns que se occultam, outros que pela sua natureza, são do dominio de todos, como essa santa instituição dos Albergues Nocturnos, fundada por El rei D. Luiz I de saudosa memoria, mas que no sr. conde de Valenças encontrou a maior dedicação, auxiliando-a com donativos e trabalho incançavel, affirmado nos relatorios annuaes d'aquelle estabelecimento, que são verdadeiros modelos no genero, e fornecem, com a estatística e com a critica dos factos, valioso subsidio para o estudo do melhoramento das classes proletarias; outros apreciarão enfim o chefe de familia exemplar, em quem sobram qualidades pouco vulgares e para quem os deveres são obrigações, retribuidas com prodigalidade pela inextinguível dedicação de sua virtuosa esposa a sr.ª condessa de Valenças e de seus estremeçidos filhos; e não seria muito que aqui nos alargassemos, n'esta festa de familia, mas outros melhor do que nós o dirão, que o nosso proposito foi prestar esta singela homenagem a um dos redactores mais effectivos do OCCIDENTE, e a um dos amigos a quem mais queremos.

Caetano Alberto.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### UNIVERSIDADE DE EVORA

#### A SALA DOS ACTOS

De todos os collegios estabelecidos pelos jesuitas, em Portugal, o de Evora foi o mais grandioso.

Este edificio, fundado pelo cardeal D. Henrique para seminario do arcebispado d'Evora, foi depois pelo seu fundador doado á companhia de Jesus, elevando o collegio á cathogoria de Universidade para o que alcançou do Papa a bula da instituição datada de 18 de setembro de 1558.

Foi para os actos d'esta universidade que o cardeal D. Henrique mandou construir a grande sala, de que a nossa gravura, copia de uma photographia, mostra a fachada.

Como se vê, é esta fachada de puro estylo renascença, onde apparecem as estatuas symbolicas, como as que decoram o frontão, allusivas ao Cardeal-Rei que fundou aquella casa, empunhando a estatua da direita uma lança e a da esquerda um baculo.

Além d'esta grande sala, hoje em ruina mascarada com o bello frontispicio que ainda apresenta, mandou o mesmo cardal traçar e construir o claustro e pateo da universidade, obra grandiosa, no mesmo estylo que o da fachada.

A fundação d'esta universidade teve forte opposição da univarsidade de Coimbra, e só depois da morte de D. João III, é que teve effeito, quando o cardeal D. Henrique entrou no governo do reino.

Gloriosos fastos tem esta universidade, tanto nos sabios professores que teve e distinctos discipulos que passaram pelas suas geraes, como pela parte importante que tomou nas luctas da independência da patria contra o jugo castelhano.

É pena que tão bello edificio esteja cahido em ruinas, quando podia ainda ser aproveitado com utilidade para as funcções escolares, se lhe fizessem algumas obras, não muito dispendiosas.

### ILHA DA MADEIRA

#### A PONTA DE S. LOURENÇO E O ILHEU

O archipelago da Madeira, cuja ilha principal tem o mesmo nome, está no Oceano Atlantico, fronteiro á Costa de Marrocos, e, segundo a carta de Vidal, situado entre os paralelos 33.º 7', 50" e 32.º 22', 20" latitude norte, e entre os meridianos 16.º 16', 30", e 17.º 16', 38", longitude occidental de Greenwich.

Meje uma extensão de 32 milhas geographicas desde a Ponta de S. Lourenço até á Ponta do Parago, e 12 milhas desde a Ponta da Cruz até á Ponta de S. Jorge.

Este archipelago compõe-se das ilhas da Madeira, Porto Santo, Desertas, Selvagens e nove ilheus principaes a saber: Ilheu do Porto da Cruz, Ilheu de Fóra, Ilheu da Pontinha, Ilheu do Gorgulho, Ilheu do Rabaçal, Ilheu do Porto Moniz, Ilheu da Ribeira da Janella, Ilheu de S. Jorge e Ilheu do Fayal.

Cinco são as bahias: a de Machico, a de Santa Cruz, a do Funchal, a de Camara de Lobos e do Porto de Moniz, tendo tambem tres enseadas a dos Reis Magos, a do Garajão e a do Logar de Baixo. Os seus portos principaes são dezoito sendo os melhores: Machico, Funchal, Camara de Lobos, Porto do Moniz; os de segunda ordem: Seixo, Santa Cruz, Porto Novo, Reis Magos, Campanario, Ribeira Brava, Ponta do Sal, e os de terceira ordem: Lage, Ponta Delgada, S. Jorge, e Fayal.

As bellezas da costa d'esta ilha são inextinguíveis, para os que a nam toda a grandeza do bello manifestado na propria natureza. A disposição dos rochedos ora formando cavernas, ora cingindo lagos, ora destacando-se da costa e surgindo d'entre as vagas como marcos milliaros, onde as aves esvoassam em volta e as ondas se quebram levantando montanhas de alva espuma, são para ver e admirar.

A Ponta de S. Lourenço, no extremo leste da ilha, que a nossa gravura representa, mostra bem as bellezas a que acabamos de nos referir.

O mesmo dizemos do Ilheu, sentinella avançada da Ponta de S. Lourenço, e que é um ponto de defeza da ilha, a joia mais preciosa de Portugal dispersa do meio do Oceano Atlantico.

<sup>1</sup>Vid. pag. 283 do vol. XV e pag. 7 a 47 do vol. XVI.

## SILVEIRA DA MOTA

(Conclusão)

## III

Silveira da Mota appareceu um dia no fertil campo da litteratura com um pequeno livro na mão; e logo todos notaram que o já distincto escriptor não vinha alli armar barraca. Por estas palavras quero dizer que de modo algum pretendia converter em feira essa nobre e magica estancia em que vagueiam na serenidade da gloria sombras immortaes, como as de Homero e de Virgilio, de Platão e de Tacito, de Dante e de Camões. O caso

o apaixonado empenho de escrever unicamente livros optimos. Outros escriptores, embora de grande merito, são faceis em atulhar as livrarias de obras de muito preço, e comtudo de pouca valia.

Porque olhem, senhores, que ha quem faça quantidade de volumes como quem faz quantidade de pregos ou de barretes, mais para ganhar dinheiro do que para ganhar fama, com quanto esta seja elemento indispensavel da prosperidade de todas as industrias. Mas, como ha o falso Deus e o verdadeiro, em que fala o nosso epico, ha tambem n'este incessante vae-vem da humanidade a falsa e a verdadeira gloria. Baixando a comparação mais ao nivel, ou antes ao raso das cou-

rosto e entre os dizeres do rosto, a seguinte apreciação d'aquelle livro, tanto mais digna de verdadeiro apreço quanto é manifesto que exprime o sincero e intimo pensar do illustre romancista, que n'essa occasião não via deante da sua banca o publico numerozo dos seus leitores, nem de certo pensava n'elles.

Eis o que se lê, escripto por seu punho, no exemplar dos *Quadros* que foi vendido em Lisboa no leilão da livraria de Camillo Castello Branco:

«Os creditos d'este livro não assentam na approvação que o introduziu nas escolas pela porta franqueada a outros livros que não parecem serios. Silveira da Mota, quando escreveu estes



UNIVERSIDADE DE EVORA — FACHADA DA SALA DOS AÇOS

(Cópia de uma photographia)

era mui diverso, porque o seu proposito tambem o era: — volver os olhos para as velhas glorias da patria, e invocar as recordações do passado que em todos nós alimentam a esperanza de que este paiz ainda se ha de assignalar antes de cair para sempre no largo jazigo das nações que morrem.

Tratava o seu livro de alguns successos memoraveis da nossa historia, de grandes feitos e de grandes homens; falava na tomada de Ceuta e no primeiro cerco de Dio, em Vasco da Gama e D. João II; em summa, era um livro grave, serio, util, e em tudo e por tudo excellente. D'então para cá, e ha já bastantes annos, Silveira da Mota, envolvido nos trabalhos e luctas da politica, só publicou mais dois volumes, o que faz ainda suppor, conhecida a riqueza das suas faculdades e a vastidão dos seus conhecimentos, que elle teve sempre

sas prosaicas da labutação dos nossos dias, direi ainda que, assim como ha as marcas legitimas das fabricas acreditadas, ha tambem os annuncios pomposos de productos de apparente brilho, e de pouco valor. E estes, que não resultam do trabalho perseverante da intelligencia nem do esforço tenaz da vontade, dão por via de regra lucros muito avultados aos aventureiros de má morte, que, se durante certo tempo tomam ares de principes, veem por fim a acabar como a triste ave da fabula, ridiculamente enfeitada com as pennas do pavão.

Ora, enquanto o livro de Silveira da Mota, que era o dos *Quadros de Historia Portuguesa*, deleitava o fino paladar dos que sabem apreciar as galas e louçanias da nossa opulenta linguagem, e começava de ser com razão adoptado para estudo nas escolas, Camillo Castello Branco, no silencio do seu gabinete, escrevia a lapis, no verso do ante-

*Quadros*, contrahiu com o publico a obrigação tacita de escrever historia mais volumosa, menos de escola. O seu estylo historico, amoldado pelas fórmas graves e correctas de A. Herculano, parecia destinado a continual-o. Não só na linguagem mas ainda no processo se identificam. Silveira da Mota estuda a historia no systema das instituições mais que nos costumes, e na physionomia moral syntethicamente. Esse é, com effeito, o mais comprehensivel methodo para quem estuda; o outro, o inductivo dos factos, o modernissimo, deve ser o complemento da sciencia historica. Raro temos visto exposição mais lucida, e graças á concisão do estylo tamanha habilidade em condensar grandes quadros em poucas paginas.»

São tão conhecidos os *Quadros de Historia Portuguesa* que não requerem demorado exame. Bastará por isso dizer que abrangem o longo periodo

da nossa historia comprehendido entre a fundação da monarchia e a morte do cardeal-rei, e que o quadro das *Victorias de Duarte Pacheco* póde citar-se como um dos que, talvez, melhor exprime a perfeição da arte de escrever. N'elle, com effeito, se nota a firmeza de raciocinio que entre a confusão dos acontecimentos descobre o seu fio conductor, a verdade da historia; a intuição que, para assim dizermos, patenteia aos olhos reconcentrados do pensador os factos como elles na realidade passaram; e, finalmente, a sentimentalidade poetica, que imprime nas eras, ainda as mais remotas, o seu toque peculiar, da mesma sorte que a mão do tempo tinge os velhos monumentos com a cor propria, esse amarello embaciado ou fosco, que é o enlevo do antiquario imaginoso e scismador.

A esse livro seguiu-se em 1880 o das *Horas de Repouso*, assim denominado por quasi todas as suas paginas terem sido escriptas n'algumas d'essas horas em que, como diz o auctor, as convicções profundas ou as inspirações subitas sempre nos trazem a paz, o contentamento, a bonança, e ás vezes como que um relampago de felicidade. Tal era a razão do titulo. O fim d'esta publicação foi apresentar alguns modelos de critica justa, sincera e imparcial, e protestar contra o desprezo mesquinho e esterilizador com que «os raros homens que entre nós teem o habito de ler se enfastiam das obras portuguezas, não porque ellas valham sempre menos do que as extranhas, mas porque affeitos á leitura quasi exclusiva dos livros francezes costumaram-se a certa ordem e disposição de idéas, e repugna-lhes quanto vae fóra do trilho a que se habituaram.»

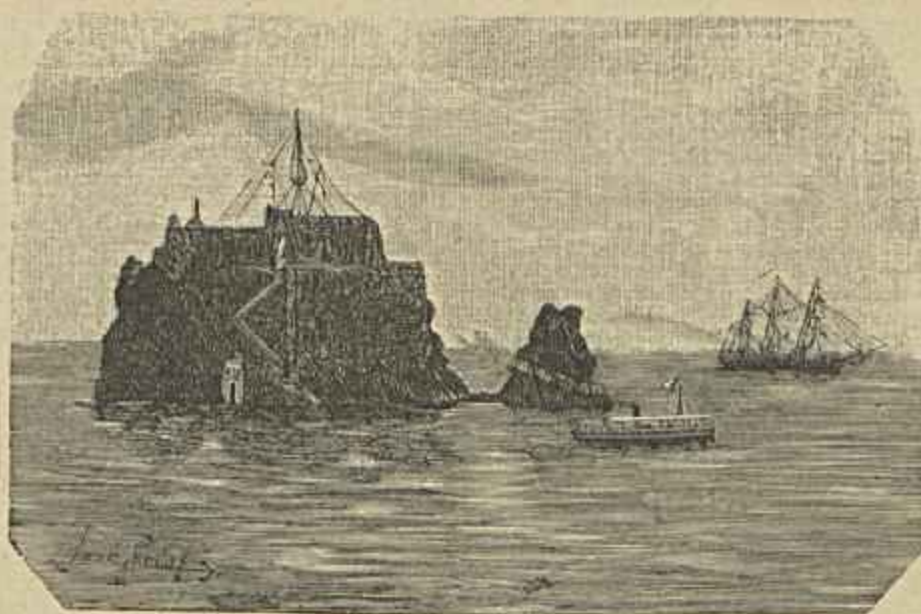
Trata este livro dos assumptos mais variados, como são, por exemplo, o *Elogio Historico do Barão de Humboldt*, por Latino Coelho, e os *Estudos de Administração*, do sr. Lobo d'Avila, a *Historia da Inquisição*, de Alexandre Herculano, e *Dante e a Divina Comedia*, por José Silvestre Ribeiro, as *Novellas do Minho*, de Camillo Castello Branco, e o

bello livro de Bulhão Pato, *Sob os Cyprestes*. Na maneira de os tratar a todos observa-se a mesma firmeza e rectidão de juizo, não se poupando nunca o auctor a censuras moderadas, quando as considera procedentes. E por todas essas paginas, cujos pensamentos revelam sempre a poderosa individualidade do auctor, corre sempre com a mesma

facilidade, alteza de conceitos e opulencia de locuções a penna esmerada de Silveira da Mota, cuja predileção pelos assumptos historicos é visivel.

O estylo, como o dos *Quadros*, é amplo, terso e nobre; sempre absolutamente vernaculo.

Não terminarei esta ligeira noticia das *Horas de*



ILHA DA MADEIRA—O ILHEU

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)



ILHA DA MADEIRA—A PONTA DE S. LOURENÇO

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)





achava o pallido ao pé do modesto e familiar dialogo travado com o seu convida.

A despedida o doutor pegou em meia dúzia de charutos:

— Toma lá. E tua mulher, quando te vir de charuto na bôcca, pode dizer-te, sem mentir, que são fumaças de valente.

— Adeus, compadre. É o melhor dia da minha vida este. Quando entrei aqui trazia o coração pequenino como isto. Obrigado, muito obrigado — e abraçou-se ao outro a chorar.

D'ahi a pouco os jornaleiros que se cruzavam com elle, e que o viam bem montado, ao lado do seu carro, de charuto na bocca, rosto alegre, saudando-os, e cantarolando pela estrada fora, diziam uns para os outros:

— É o Jaleco. Amanha-se bem

— Ora, aquillo vai n'um sino!

— Bom negocio fez elle. Vai cantando!

Não lóra bom negocio, foi mais do que isso, foi uma boa acção.

Quando chegou a casa Maria Domingas esperava-o ansiosa, e apenas de longe o viu correu para elle.

— Já principiava a estar com cuidado em ti. E então, ficou preso!

— Não o entreguei á justiça. Mudei de tenção. Lá o deixei nas mãos do compadre — e Manoel fez um signal á mulher.

D'ahi a pouco, na adega, Maria Domingas ouvia da bocca de seu marido a narrativa da vida do contrabandista, como este lh'a contara, e todos os mais pormenores do que se passará n'aquella manhã.

— E agora, depois de curado? perguntou ella.

— Que fuja, que procure a sua vida. O resto é com elle e com Deus, que é pae de misericordia.

23 — Janeiro de 1894.

Zacharias d'Aça.

## VID' AIRADA

POR ALFREDO MESQUITA

Aqui temos um novo, possuidor de um nome com segura cotação, no mercado litterario.

É um novo, Alfredo Mesquita, que vale bem meia dúzia de velhos.

A sua obra *Vid' Airada* é dividida em tres partes: *Na terra das alfaces*, *Fulanos & Cicranos* e *Cartas abertas*.

A primeira parte é a de maior estudo. A ironia é caustica, a observação fundada em são criterio; *Os serões grotescos* são horríveis de verdade. Muita gente verá na obra de Alfredo Mesquita sómente um ataque directo, um bote fundo, na desgraçada burguezia nacional...

Não é.

Alfredo Mesquita o que faz é levantar a ligadura e mostrar, na ferida, a parte que já vai gangrenada.

É insuportavel o cheiro, é repugnante á vista... mas como ha de o cirurgião curar?

Ha momentos em que a espinhal-medula fremente n'um arranco de terror!... é quando o auctor da *Vid' Airada* mette a sonda, até á parte ainda sã, e nos mostra sorrindo a extensão do mal.

Como o Demócrito que ria do que cáusava dor, Mesquita, com uma singular coragem e com uma rapidez que assombra arranca o *chimo* ao circumspecto conselheiro mostrando nos a calva suja, casposa. De repente, abre nos as portas interiores de uma casa onde ha uma *soirée* para ser cantada no *Carnet mondain* ou no *high-life*, e mostra-nos os trastes accumulados uns por cima dos outros em casas escuras. Os homens de casaca, as senhoras vestidas de seda... mas não ha um trem á porta! E tudo aquillo tem de ir á pé para casa, amarrotado, sujo, cansado, aborrecido, estúpido, para no dia seguinte continuar a mesma vida posita, efemera e de expedientes!

A familia é um parlamento constitucional, estão todos juntos mas não se podem ver uns aos outros, quer dizer tem-se mutuamente um cordial rancor.

O amor do paiz, a ideia querida, santa, da estima avára pela Patria... isso existe apenas n'aquelles que não teem quasi de comer, e não pedem esmola por vergonha...

A Patria! o que significa isso para quem só a conhece para a vender a retalho.

O homem trabalhador, honesto, em Portugal, não passa do *Amigo André* de Alfredo Mesquita. *Jornaes jornalistas* tudo miseria, tudo pelintra tudo a contar os dez réisinhos, tudo sem alma, sem pujança, sem voo, incapaz de iniciativa propria, e sempre atido, ao outro, que produz, ao que au-

fere incontestaveis lucros,—este outro é sempre o estrangeiro.

Na parte seguinte, a intitulada *Fulanos & Cicranos*, ha um trecho admiravel referido a Trindade Coelho.

Mão feita, espirito forte, sereno, fleugma teutonico, não tendo nunca fraquezas, Trindade Coelho, é no nosso meio um modelo a apontar.

É costume dizer-se quando a figura accusa o valor da pessoa...

— Com meia dúzia assim ainda se fazia *alguma cousa*; Alfredo Mesquita, até agora conta só um e é o auctor dos *Meus amores*.

Eu tambem vou começando a contar:

— Alfredo Mesquita... dois!

A terceira parte *Cartas abertas* são impressões de viagem, Andaya, altos e baixos Pyreneos e Paris.

A parte referida a Pau é uma das mais brilhantes e em que a graça do auctor, moço, sangue quente, joga elegantemente com as referencias historicas...

Emfim, Pau habitou o travesso béarnes, o bom Henrique, e não admira o calor com que o nosso collega descreve a *mignonne Celeste*.

Henrique IV deixou ali, n'aquelle ceu de humido azul, bastante ambiente para sustento dos amorosos de todo o mundo...

Manoel Barradas.



## REVISTA POLITICA

Não foi das mais escaças em acontecimentos a ultima dezena, desde o decreto sobre os vinhos e azeites adulterados ou falsificados até á nova recomposição do ministerio não incluindo o fallecimento do sr. Conde de Paris, que veio pôr de luto a familia real portugueza, ferindo da mais pungente dôr o coração da augusta princeza, que hoje partilha o throno de Portugal, a Rainha Senhora D. Maria Amelia.

Alguns momentos de respeitoso recolhimento ante as lagrimas de uma filha que chora a perda irreparavel de seu querido pae, que n'esta columna reservada para noticiar os factos politicos da dezena, tambem ha lugar para a nossa homenagem, ainda que humilde, á dôr de uma Rainha.

E dados os nossos pezames á augusta Senhora, passemos a dar conta do mais que tem occorrido principiando pelo mencionado decreto sobre os vinhos e azeites adulterados ou falsificados, com que o sr. Carlos Valbom se despediu do ministerio das obras publicas e passou para o dos estrangeiros, com a mesma facilidade que uma pessoa entra no elevador da Gloria, na Avenida e sobe até S. Pedro de Alcantara.

Ainda esperamos vel o presidente do conselho com um ministerio formado dos seus intimos, ainda esperamos, e depois que digam se não é d'aquella massa que elles se fazem.

Mas vamos aos vinhos e azeites.

Pelo que se lê na maioria dos jornaes e pelo que se bebe ahi por essas tabernas, andam de ha muito adulterados os vinhos e azeites postos á venda, e o escandalo chegou a tal ponto que as medidas de rigôr se tornaram necessarias, para pôr cobro aos envenenadores da saude publica e ladrões do pobre consumidor.

Não podemos, porém, deixar de notar que para pôr cobro a tão grande desaforo fosse preciso um decreto especial, quando o caso está previsto no Codigo Penal, em vigor ha quasi meio seculo.

Todas as penalidades impostas pelo decreto aos falsificadores de vinhos e de azeites são as mesmas do Codigo, e por isso não comprehendemos lá muito bem todo o espalhafato que se fez com o decreto, que de resto é de esperar se cumpra tanto como se tem cumprido o referido Codigo n'este ponto.

E como se hade cumprir um ou outro se para isso falta o principal, que são os laboratorios officiaes onde se façam as analyses dos generos falsificados?

Foi isto que esqueceu ao joven legislador e aos satelites do seu astro, que se desentranharam em louvores por tão acertada medida.

Nós não duvidamos do acerto do decreto por que contenta gregos e trojanos. Contenta o publico, a eterna creança, que ingenuamente acredita no providencial decreto, e contenta os falsificadores que poderão continuar impunemente no seu honrado negocio porque a lei não tem meios de se cumprir.

Já vêem que este joven vai longe e sabe o caminho que tem a seguir para chegar onde quer.

Popularidade já lhe não falta e quanto elle é conhecido de mais, tanto conhecido de menos é o sr. Campos Henriques que acaba de o substituir na pasta das obras publicas.

Effectivamente toda a gente, em Lisboa, andou, nos primeiros dias da recomposição ministerial, a perguntar uma á outra quem era o novo ministro das obras publicas, e nós não fomos dos menos curiosos nem dos mais felizes n'essa empreza, apesar de todas as esculcas que deitámos.



CONSELHEIRO CAMPOS HENRIQUES

NOVO MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Por fim valeu-nos o director d'este periodico, que nos mimoseou com o retrato do novo ministro das obras publicas, para aqui o estampar-mos n'esta revista, e tivemos então o prazer de conhecermos a sua phisionomia phisica, emquanto não sabiamos da sua phisionomia moral.

D'esta soubemos pelo que as folhas governamentais principiaram a contar do novo ministro, que deixou o seu logar de governador civil do Porto para sobraçar a pasta das obras publicas.

O *Diario Illustrado*, por exemplo, diz que o sr. Arthur Alberto de Campos Henriques é «um dos homens mais intelligentes, sympathicos e trabalhadores incansaveis da moderna geração» — Este final faz nos lembrar o final d'uma quadra do *Sebastianista*.

Diz mais o nosso collega que o sr. Campos Henriques se formou, ainda muito novo, em 1874, na faculdade de direito, e foi, pouco depois, nomeado delegado do Procurador Regio, nas comarcas de Guimarães e Braga. Promovido a juiz, serviu no tribunal administrativo da capital do Norte e encontra-se actualmente na segunda classe, na comarca de Villa do Conde.

Entrou na politica activa em 1890, sendo eleito deputado da opposição em 1892 pelo circulo de Pinhel. Governou interinamente o districto do Porto durante o segundo ministerio do sr. João Chrysostomo, passando á effectividade desde a subida ao poder do actual governo.

Foi um estudante distinctissimo e como homem é um caracter puro sem mancha.

Isto diz o nosso citado collega, corroborado por outros collegas tambem.

Quanto a nós, se fosse vivo o nosso amigo Leite Bastos, que tinha tanto de talentoso como de excentrico, e nos perguntasse, como era seu costume quando alguém só dizia o que diziam os outros: — E tu o que dizes? Nós responderiamos muito alvarmente: — Nada.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª